



TEMPO, HISTÓRIA E PODER

O tempo é umha perceçom física, mas a sua perceçom é umha dimensom cultural. Nom deveria surpreender que o poder criasse um sentir do tempo acorde com os seus projetos de domínio. Pablo Domínguez fai um repasso histórico polas diversas formas e conceber o tempo e como estas servírom como mecanismo de domínio.

CRIAÇOM

Ellise Dacosta marchou para estudar o último ano dos estudos a Manchester e decidiu ficar ali enquanto tenha oportunidade. Sonha com voltar ao país, e enquanto sonha, trabalha no que vai saindo e colabora com alguns blogs literários em inglês. O seu primeiro relato, "The Deadline and the Pen Name", foi publicado na revista Geek. Leitora assídua do Novas da Galiza, neste mês envia-nos as suas ideias sobre a luta sindical.

CINEMA

Julio Vilariño apresenta umha série de filmes de conteúdo histórico que se afastam das tipologias habituais do modo de representaçom hegemónico. 'Aula de Historia' de Straub e Huillet, 'Culloden' de Peter Watkins e 'Sobibor' de Claude Lanzmann fôrom projetadas polo Cineclub de Compostela num ciclo no mês de abril.

A GALIZA NATURAL

Píntegas, sacabeiras e quioglossas, as salamandras galegas

João Aveledo

No séc. XVI, Paracelso, o alquimista mais famoso de todos os tempos, no seu *Liber de nymphis, sylphis, pygmaeis et salamandris et de caeteris spiritibus* classificou os espíritos elementares em quatro tipos: ondinas, silfos, gnomos e salamandras, em correspondência com os quatro elementos clássicos da Filosofia pré-socrática: a água, o ar, a terra e o fogo. A mesma palavra "salamandra" de origem grega significa "lagarto de fogo", devido à falsa crença de que eram répteis resistentes ao lume. Nada mais falso, a salamandra é um anfíbio com tendência a procurar abrigo debaixo de troncos e, quando se faz uma fogueira, as salamandras podem surgir entre as chamas, mas simplesmente porque fogem de uma morte certa.

Na mitologia tradicional galega, as salamandras são tidas por seres maléficis e perigosos, con-

siderando-se suficiente a sua presença para produzir graves doenças, "botam o ar" e "cospem veneno" no dizer do povo. As cores vivas destes animais também têm contribuído para alimentar estas superstições. Na verdade, a coloração aposemática das salamandras é uma característica evolutiva dissuasória que serve para anunciar aos possíveis predadores a sua toxicidade. Com efeito, as salamandras, como outros anfíbios, podem segregar através da pele uma substância venenosa quando se sentem em perigo. Uma peçonha pouco perigosa para nós, pois, afinal, o único dano que nos pode causar é uma irritação leve ao entrar em contacto com mucosas ou feridas.

Apesar de ter hábitos nocturnos e crepusculares, a salamandra-de-fogo (*Salamandra salamandra*) é bem conhecida entre os labregos, daí os seus numerosos nomes vernáculos: "saramaganta", "salamândrega", "salamântiga", "salamantinha", "saramela", "peço-

nha"... alguns como "píntega", "pinchorra" ou "roncha" fazem referência às pintas amarelas ou avermelhadas sobre fundo negro típicas da subespécie *S. s. gallaica*, que se distribui pola Galiza central e meridional, norte e centro de Portugal e Estremadura espanhola. No extremo norte do país encontramos outra subespécie, a *S. s. bernardezi*, que ali recebe o nome de "sacabeira". A "sacabeira" estende-se por boa parte da Região Cantábrica, tem tamanho menor que a "píntega" e um cromatismo diferente, dispondo-se as manchas amarelas em duas bandas longitudinais que podem ser contínuas ou não.

As salamandras-de-fogo adultas são terrestres. Não sabem nadar! Mas entre os meses de outubro e fevereiro, as fêmeas achegam-se a pequenas poças ou regos onde semisubmergidas depositam, geralmente, de 30 a 40 larvas que nadam com presteza ao saírem do ventre da mãe (ovoviviparismo). Isto é o normal. No entanto, em de-

terminadas populações (nomeadamente, da subespécie *bernardezi*) as salamandras podem parir em terra, durante o inverno e a primavera, crias completamente metamorfoseadas (viviparismo), sendo o seu número muito menor, de 2 a 4 indivíduos, devido em parte à existência de canibalismo intrauterino. Em populações insulares de *gallaica*, como as de Ons, o viviparismo pode ser o resultado de uma adaptação ecológica à escassez de cursos de água.

Outra espécie diferente é a salamandra-dourada (*Chioglossa lusitanica*), um dos tesouros do património natural galego. Há milhares de anos, quando uma selva húmida cobria o nosso continente, salamandras filogeneticamente próximas, como a *Chioglossa meini*, que conhecemos unicamente por restos fósseis, povoavam boa parte da Europa ocidental. Depois viriam as glaciações do Quaternário e do género *Chioglossa* só sobreviveu um único representante, a salamandra-dou-

rada, endémica do quadrante noroeste da Península Ibérica (norte e centro de Portugal, Galiza e Astúrias). O seu parente mais próximo, a salamandra do Cáucaso (*Mertensiella caucasica*), mora na Geórgia e na Turquia.

As quioglossas são salamandras pequenas e estilizadas, com bandas dorsais douradas, mais ou menos em destaque, sobre um fundo negro de tonalidades apagadas. Caracterizam-se por terem movimentos rápidos e nervosos (algo pouco habitual entre os urodelos) e por uma cauda longa que podem desprender à vontade, como os sáurios, e que depois se regenera. Têm uma língua protrátil (esticável) que lhes serve para caçar. Gostam especialmente de bosques caducifólios situados em ladeiras com um microclima saturado de humidade. Ovovivíparas e de hábitos muito discretos, estão entre os vertebrados menos conhecidos da fauna europeia.

Durante séculos, as salamandras foram vítimas dos sachos e da ignorância e, mesmo assim, abundavam. Agora, partilham com o resto dos anfíbios um declínio continuado e um poderoso inimigo ainda por identificar. Entre os suspeitos: a quitridiomiose, a radiação ultravioleta, a alteração dos habitats, os poluentes químicos...



Tempo, história e poder

Ao longo da história o poder construiu concepções do tempo como mecanismo de domínio

Pablo Domínguez

O tempo é umha dimensão física. Mas a sua percepção, a forma de pensá-lo, concebê-lo ou mesmo senti-lo é umha realidade cultural. As enormes diferenças na forma de pensar o tempo tanto histórica como geograficamente assim no-lo fazem ver. O tempo, logo, sendo umha realidade cultural, é umha realidade construída. O tempo, pois, construiu-se. E não nos deveria surpreender muito que quem construiu a percepção do tempo são aqueles que têm o poder. E não nos desenhando esta percepção de jeito que se acomode bem ao seu projeto concreto de domínio e exploração social.

Antes de fazer uma breve revisão histórica pelas distintas formas de conceber o tempo ao lon-

A partir do Neolítico o tempo torna-se umha realidade mais presente na vida quotidiana das pessoas já que acompanha e reforça um elemento novo: o trabalho

go da história, e como serviu de mecanismo de exploração ou poder, é necessário fazer umha pequena distinção. Na minha opinião, não sendo eu um especialista, encontramos duas formas bem diferentes de pensar o tempo: por um lado, temos o que eu chamo tempo quotidiano. Seria aquele em que funcionamos a cotio. E que hoje em dia expressamos em horas ou minutos. É esse tempo, é essa forma de medi-lo em que vivemos imersos na nossa vida diária. Por outro lado, temos o que eu chamo tempo projetado ou tempo histórico, que é a forma em que concebemos o passado, o presente e o futuro, assim como a relação entre eles. O facto de ambas as duas formas de pensar o tempo estarem inevitavelmente entrelaçadas, não faz com que deixem de ser coisas distintas. Eu irei centrar-me no tempo quoti-



diano, não apenas por gostar mais dele, mas também porque do tempo histórico e das suas teleologias e pós-modernidades está a coisa muito falada.

Parece que em muitas sociedades caçadoras-coletoras existia umha forma de pensar o tempo que poderíamos chamar como tempo instantâneo. Entende-se o tempo como umha sucessão de instantes, plenos em si mesmos, que podem ter relação ou não com os demais. Estes instantes são de duração variável, simplesmente “duram o que duram”. O tempo raramente mede-se e, quando se faz, recorre-se basicamente aos dados que proporciona o ambiente (dia/noite seria o mais claro). Que esta fosse a primeira forma de pensar o tempo da humanidade está por ver. Seja como for, isso não tem por que dizer que seja a forma “natural” ou a “boa” de fazê-lo, mas proporcionar apenas um ponto de partida.

O que sim está claro é que a partir do Neolítico há uma mudança muito importante. A partir desse momento, o tempo torna-se umha realidade muito mais presente na vida quotidiana das pessoas, já que acompanha e reforça o surgimento dum elemento novo: o trabalho. De tal jeito que o tempo começa a ser medido sobre a base do algo demora a ser feito. A duração dumha tarefa agrícola, da cocção dum alimento, etc. passam a ser as medidas de tempo básicas. Tempo e trabalho unem-se. Desconheço de que jeito e quem propiciou esta união, mas sim posso dizer que não creio que seja precisamente muito libertadora.

Esta percepção neolítica do tempo manteve-se em vigor de forma hegemónica até a revolução industrial, e ainda hoje permanece de jeito mais ou menos residual. Mas sofreu umha importante transformação. A expropriação

Com a revolução industrial a mão-de-obra passa a vender o seu tempo, criando-se umha divisão entre espaços de tempo com valor e espaços de tempo mortos

do tempo. A sua objetivação. Estamos a ver que a forma de pensar o tempo era plenamente pessoal e subjetiva. Bem, isto muda primeiro quando a Igreja, na Idade Média, se faz com o domínio social e introduz umha forma de medir o tempo objetiva: a sua forma. Aí surgem as horas e as rezas dos dias, as badaladas das torres dos sinos que obrigavam os labregos a deixarem de lado o seu tempo, para dar passagem ao tempo eclesial. Mais adiante, no século

XVIII, a burguesia melhorou este sistema de lhe impor o teu tempo ao outro com a invenção e popularização do relógio de mão. Foram definidos com precisão horas, minutos e segundos, dos dias era dono e senhor um aparelho de vidro, quartzo e metal. O relógio roubou o tempo à gente.

E após roubado, não foi muito difícil dar o seguinte passo. Com a chegada da revolução industrial e a urbanização, surge também um novo tipo de relação laboral: o trabalho assalariado por hora/jornada de trabalho. A mão-de-obra não vende já a sua obra ou as suas mãos, mas o seu tempo, que se converte em mercadoria. O tempo comercializa-se e ganha valor. Criando umha forma de ver o tempo totalmente fragmentada, que se divide entre espaços de tempo com valor e espaços de tempo mortos, sem valor. É necessário aproveitar o tempo o máximo possível pois o tempo custa. Ainda mais, não perdas o tempo! O tempo perde-se... e aonde seria que marchou?

Enfim, que nessas estávamos até que, desde não há muito, está a surgir umha nova concepção do tempo: o tempo imediato, em que, graças às tecnologias da informação, tudo é um agora. A morte do espaço, como também tem sido chamada. É um tempo imediato em forma de ditadura do agora. Tudo tem que ser já, no momento. E que as coisas levem “o seu tempo” gera umha grande sensação de ansiedade. Não sei se esta nova concepção do tempo vai consolidar-se ou é simplesmente umha transformação aparente. Tampouco sei como nos está a afetar diretamente nas nossas vidas. Mas sim sei que cada nova forma de pensar o tempo quotidiano não é neutra, mas vem como acompanhante de um novo projeto de poder e de exploração social, ao qual reforça. Assim, este artigo chama à reflexão sobre a nossa própria forma de ver o tempo, a ver se, se calhar, desta vez conseguimos dar-lhe a volta e fazê-lo libertador; e a que, não sendo nem o mais importante nem o mais urgente dos temas, talvez sim pague a pena dedicar-lhe um pequeno momento de reflexão.



A FOTO

Rute André

Umha das discriminações mais diretas a que nos vemos submetidas as mulheres é a escravidão que lhe devemos á nossa imagem, como se o nosso corpo tivesse que adaptar-se ao modelo social imperante ou cânones de beleza, ajustando-se ao estereótipo rígido atribuído polo nosso rol social ao nosso sexo biológico.

Estas som as mensagens, imagens e modelos que nos bombardeiam desde a infância e adolescência que dirigem os nossos desejos e metas para a perpetuação de estos estereótipos.

Assim a fotografia deixa de considerar-se umha ferramenta inocente que simplesmente retrata a sociedade e tomamos consciência de que fai parte de umha complexa rede de relações de poder que estruturam toda a sociedade patriarco-burguesa, especialmente as relações de género, étnia e classe.

[...]Gerações de artistas e do feminismo, abrem para nós umha nova gama de temas antes proibidos como a androginia, a desmitificação do orgulho fálico, intercâmbio de roles sexuais, transformismo, mutação do corpo humano, a bissexualidade, o travestismo ou o polimorfismo do desejo sexual, que introduzem à artista no estudo da sexualidade múltipla, transgressora e contestatária, onde a feminidade é entendida em chave de opressão.

Mas a pesar dos esforços destas mulheres, nada puido evitar que a imagem imperante na nossa sociedade seja a da mulher na publicidade. As mulheres devem permanecer jovens, delgadíssimas, etéreas, submissas... as mensagens repetem-se, às vezes subtis mas quase sempre claras e diretas.



CRIAÇÃO

No pólo oposto das construções faraónicas vazias de sentido e das homenagens florais descontextualizadas, está a criação. No NOVAS DA GALIZA pensamos que o verdadeiro

activo cultural do nosso país som os galegos e galegas, e com essa ideia inauguramos este espaço de criação. Com cada novo número fornecemos um texto literário para go-

zarmos das nossas letras, num projeto em que todos e todas estades convidados a participar. Escreve para literaria@novasgz.com.

Ellise Dacosta marchou de Avanha para Manchester para sobreviver, e dali fai-nos chegar um relato de sobrevivência, que dedica a todos os que esperam.

Sempre há dez obreiros detrás

por Ellise Dacosta

A primeira vez que Antom apanhou umha gripe, depois de doze anos de serviço impecável na Alumínios do Tambre, e chamou o seu chefe para lhe dizer que nom podia ir trabalhar, o único que escuitou foi "nom perdas cuidado, que se amanhã tampouco vés, há outros dez obreiros detrás aguardando para ocupar o teu lugar".

Quando tivo o acidente laboral, os companheiros mais velhos recomendárom-lhe que nom desse parte à mutua. "Umha contratação logo passa, e se lhe custas quartos ao patrom, há outros dez obreiros detrás aguardando para ocupar o teu lugar".

Aquando da greve geral, nem se lhe passou pola cabeça, sabia que havia outros dez, se calhar vinte obreiros no desemprego, desesperados e famentos, aguardando para ocupar o seu lugar.

Um dia o chefe dixo-lhe que tinha que ficar mais umha hora depois de fechar, para atender umha encomenda urgente.

Ao mês seguinte á ficava depois de fechar dia sim, dia também, porque, se ele nom queria fazê-lo, havia outros dez obreiros aguardando em fila à porta da oficina, dispostos a trabalhar as horas que for polo soldo que for.

Começou a ir também os domingos de manhã, desta vez o patrom nom lhe tivo de dizer



nada, porque ele já sabia que havia outros dez obreiros detrás, aguardando.

Um dia de inverno, mentres comia o sanduíche sentado na oficina, reparou em que nunca vira aquela barafunda de obreiros esfameados que aguardavam na mesma porta para ocupar o seu posto por umha esmola, por conseguinte decidiu sair na sua procura.

O primeiro obreiro era um experimentado atirador, acertou na frente do patrom sem esforço.

O segundo limpou as pegadas do primeiro.

A terceira despiu o cadáver, queimou a roupa e deitou a documentação ao rio.

A quarta desfixo-lhe as pontas dos dedos com soda cáustica, para que nom o reconhecessem polas impressões digitais.

O quinto levou a motosserra e os plásticos.

A sexta despedaçou-o.

A sétima e a oitava enterrárom as partes em cal.

A novena fixo desaparecer o carro.

O décimo amanhou a documentação na Internet e procurou coartadas para todos.

Agora, Alumínios do Tambre é umha cooperativa.



LÍNGUA NACIONAL

Fé e mercado

Valentim R. Fagim

Um dos objetivos básicos da maioria das empresas é ter a maior quota de mercado possível oferecendo produtos que deixem a maior das rentabilidades: pouco gasto, muito lucro. Há quem diga que a empresa que está no topo desde há muito tempo, mesmo antes de existir o capitalismo, é a Igreja Católica. A final de contas oferece um produto, a SALVAÇÃO, que requer uma baixo custo financeiro, tem um mercado quase universal, poucos concorrentes a sério e, o mais importante, se o cliente ficar insatisfeito não há possibilidade de reclamar. Um negócio da China, enfim, que se diz nestes casos.

Vender um produto não é assim tão fácil como parece. Peguemos, sei lá, no galego Ilg-Rag (não sei porque me viria à cabeça, tantos exemplos que se podiam colocar). A linha comercial costuma bater o ponto sempre nos mesmos itens: é fácil, é popular e tem um enorme consenso social. Felizmente, à diferença da empresa anterior, neste caso sim dá para reclamar. Facilidade? Certeza, é mais fácil que o produto com que estou a digitar este texto mas ainda o podia ser muito mais. No limit, caramba. Popularidade? Como todas as línguas que são mesmo línguas, foi elaborada por um grupo muito reduzido de pessoas. Não houve democracia di-



reita via I like nem nada similar [Ainda bem, seja dito de passagem]. Consenso? Badala na minha cabeça a frase que os autores do livro *Galego, português, galego-português* deitavam numa recente entrevista no PGL: É urgente que as instituições abandonem qualquer discurso de "consenso normativo", pois é evidente que não o há.

O que evidenciam as entrevistas deste livro, focadas sobretudo em elites culturais que usam o galego dito oficial, é que o que move as pessoas a usá-lo é a fé ou o pragmatismo. Ambas são respeitabilíssimas, porque, afinal, quem não se move em muitos aspetos das suas vidas movido por estas pulsões? O que creio que está acontecendo, no entanto, é que cada vez há menos lugar para a fé e o pragmatismo se "muove".

CINEMA

Lições de história

Julio Vilarinho

No passado mês de abril, pudemos ver no Cineclub de Compostela um ciclo dedicado a certo cinema histórico afastado das tipologias habituais do modo de representação hegemónico. Os filmes exibidos foram *Aula de História* de Straub e Huillet, *Culloden* de Peter Watkins e *Sobibor* de Claude Lanzmann. Já em 1976 o crítico francês Serge Daney advertia, no seu artigo "O corpo do cineasta", contra umha certa "moda do retro" cinematográfica: reconstruções romanesco-historicistas que buscam umha síntese homogénea e discursiva do passado. As propostas exibidas escapam também do documentário em moda, afastando-se do que o próprio Watkins definiu como *Monoforma*, o "bombardeamento denso e rápido de imagens e sons, a estrutura modular em aparência 'fluida' ainda que fragmentada, que tam bem conhecemos todos"

A "monoforma" (que casa perfeitamente com o modo de repre-

sentação institucional), trata dos procedimentos com que os meios de comunicação maciços nos vendem a história. Partindo de pressupostos historiográficos positivistas, levantam-se relatos de corte romântico evitando pôr em causa o passado e os seus mecanismos de construção/representação e ocultando o dispositivo para nom abordar com questões como o ponto de vista, a reconstrução ou o anacronismo. Os cineastas mencionados, com a sua prática filmica, tratam de superar certos limites do formato cinematográfico para entretecer passado e presente, conteúdo, discurso e dispositivo, tentando superar o que Watkins chama de "tradicional formato hierárquico do documental", levantando umha capa de suspeita sobre a realidade do passado e das suas fontes.

O cinema "nom conciliado" de Straub e Huillet propom, através da adaptação d'*Os negócios de Júlio César* de Bertolt Brecht, umha desconstrução do discurso histórico oficial. A sobreposição de várias camadas (o tempo de César, o tempo do escritor, o tempo dos realizadores e o tem-



po do espetador) serve de quadro teórico para a indagação dum jornalista que entrevista vários coetâneos do imperador sobre a sua vida. Esta sorte de "Cidadao Kane" mostra o que restava da Roma Imperial há quarenta anos, misturando a adaptação do romance brechtiano com anacrónicas estratégias de investigação jornalística da década de 1970, estabelecendo pontos de contacto entre as estratégias que o poder económico e o político utilizavam há vinte séculos e vendo como isso ressoa na nossa era.

Estas concomitâncias entre factos históricos muito separados no tempo e no espaço som maiores ainda no filme de Watkins. Tomando como base a ba-

talha em terras británicas que levou à destruição de grande parte da cultura gaélica, *Culloden* parte dum estudo homónimo do historiador John Prebble para elaborar um falso documentário histórico. A utilização de recursos dos noticiários de campo como a câmara na mão, o som direto, as entrevistas in situ e o rejeitamento ao uso de atores profissionais servem para aumentar a sensação de imediatez e verosimilitude, quase configurando umha paródia do que anos depois acabaria por tomar a forma de reportagem televisiva ao vivo). O filme serve assim como estudo do representado e como matéria dialética que estabelece paralelismos históricos e estéticos com

um conflito contemporâneo como é a Guerra do Vietname.

Sobibór, 14 de outubro de 1943, 4 da tarde conta os factos que tiveram lugar num dos três campos de concentração nazis onde houve tentativas de revolta por parte dos prisioneiros (facto muitas vezes omisso por certas historiografias do Holocausto). Autoimpondo-se a proibição da recreação e a utilização de imagens de arquivo, Lanzmann confia a construção do filme ao relato dum dos sobreviventes numha luta contra o que o realizador denominou a "manufatura de arquivos" na representação do Holocausto. Curiosamente, o seguinte filme exibido naquele mês, *Torre Bella* de Thomas Harlan, já nom mostra umha representação do passado, mas umha filmagem histórica dum presente durante a revolta dos Cravos. Talvez caberia perguntar-se polo ajeitado dum cinema que abordasse o estudo histórico do futuro, nom tam perto da típica distopia da ciência ficção como ao jeito do Edward Bellamy de *Se o Socialismo chegar*, um analítico cinema-ensaio da antecipação.